

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

rd. 13, 14.

SUMMARY:

MUSICA NO TEMPLO, por A. Moreira Bello. — **SECÇÃO RELIGIOSA**: *O suicidio*, por F. G.; *Waldstatt, ou Nossa Senhora dos Eremitas*, pelo Vigario Manoel F. dos Santos Peixoto. — **SECÇÃO SCIENTIFICA**: *As conferencias quaresmaes na Sé do Porto em 1884, II*, por Monseñor Rodrigues Vianna (continuação). — **SECÇÃO HISTORICA**: *Veronica, III*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — **SECÇÃO CARTICA**: *Internacional*, por Dom Antonio d'Almeida; *Os nihilistas portuguezes* (continuação), por um amante da religião, da patria e do throno; *Coisas! Coisas!*, por um leitor de gazetas. — **SECÇÃO PARLAMENTAR**: *Discurso de S. Ex.ª R.ª o Snr. Bispo da Guarda, na sessão de 29 de março* (conclusão). — **SECÇÃO ILLUSTRADA**: I—*O Infante D. Henrique*; II—*A Cathedral de Milão*, por R. — **SECÇÃO LITTERARIA**: *Caridade*, poesia, por J. A. M. — **RETROSPECTO DA QUINZENA**, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 30 DE AGOSTO DE 1884

A MUSICA NO TEMPLO

SE tivéssemos a probabilidade de que a nossa debil e desanctorisada voz chegasse aos degraus do solio dos nossos eminentes e respeitaveis Prelados, ousariamos sollicitar a sua especial attenção para um lamentavel abuso, sobre que hoje vamos dizer duas palavras.

O templo é a casa do Deus vivo: esta grande verdade mostra qual o respeito e a veneração com que todos devemos entrar no santo recinto. e a piedade e devoção que devem presidir ás ceremonias do culto divino.

Infelizmente, nem todos comprehendem sobre este ponto os seus deveres: deveres de intima reverencia e profundo acatamento para com Deus, e deveres de decencia e bom exemplo para com o proximo. Nos officios divinos, e até no mais augusto de todos elles que é o santo sacrificio da Missa, vêem-se pessoas de ambos os sexos que, alem de se apresentarem com pouco decoro no traje, se portam menos dignamente, no lugar sagrado, do que convem. Ao mesmo tempo que se realizam ou recordam os mais sublimes mysterios da Religião, teem a attenção occupada em assumptos profanos e quiçá peccaminosos, e ante os altares do Senhor observam um procedimento menos delicado que em qualquer sala de baile!

E' triste e doloroso presenciar estes desacatos e irreverencias na casa da oração; porem ainda é mais triste e doloroso,

se, se é possível, o ver que da parte d'aquelles a quem incumbe velar pela gravidade, respeito e decencia nas coisas religiosas, não haja o escrupulo e

um poderoso motivo para desviar o entendimento e o coração dos fieis das consoladoras sublimidades do culto catholico, despertando-lhes recordações e pensamentos baixos e terrenos.

A Egreja reprova solememente a introdução dos cantos e das musicas profanas no templo.

«Como não convinha que o canto religioso fosse semelhante ao que exprime paixões desregradas, diz Bergier (*Dicc. de theol.*, art. *Cant. eccles.*), a Egreja christã velou sempre porque o canto da liturgia e do officio divino fosse grave e magestoso, exprimisse piedade e não uma alegria folgasã; é por isso mesmo que se lhe chamou canto-chão, para o distinguir da musica dos theatros e das canções profanas. Os Padres da Egreja mais respeitaveis, como S. João Chrysostomo, S. Jeronymo, S. Ambrosio e S. Agostinho, prestaram a maior attenção a desterrar das assembleas christãs os cantos molles e affeminados, e a musica demasiado alegre, que não serviam senão para deleitar os ouvidos e para afogar os sentimentos de piedade. Os donatistas censuravam aos catholicos a maneira dema-



O INFANTE SANTO D. FERNANDO

MORTO CAPTIVO EM AFRICA

(V. artigo *O infante D. Henrique*)

rigor necessarios para evitar certos abusos que muito concorrem para a desattenção, falta de recolhimento e levandade de não poucos individuos no templo sacrosanto.

Um d'esses abusos, iniquo e repugnante, é a execução de musicas mundanas, mundanissimas ás vezes, dentro das egrejas e durante as ceremonias religiosas.

Não só ha n'este monstruoso abuso uma profanação torpe e uma violação manifesta das leis ecclesiasticas, senão tam-

siado grave como cantavam os psalms; S. Agostinho, pelo contrario, accusava os donatistas de exprimirem com seus cantos antes os transportes da embriaguez, que as affeições piedosas.

S. Ambrosio, que regulou o canto da sua Egreja n'um tempo em que ainda subsistiam os theatros do paganismo, evitou cuidadosamente imitar a melodia d'estes; S. Gregorio, que fez o mesmo para a Egreja de Roma, n'um seculo em que já não existiam aquelles thea-

tros, não achou inconveniente algum em introduzir no canto ecclesiastico musicas mais agradaveis, mas que não podiam excitar recordação alguma perigosa. D'ahi veio a distincção entre o canto ambrosiano e o gregoriano; o primeiro era mais grave, o segundo mais melodioso. Mas errou-se pensando que S. Ambrosio era o primeiro auctor do canto-chão; antes d'elle tinha-o estabelecido S. Athanasio na Igreja d'Alexandria; tuita posto em uso, diz S. Agostinho, um canto dos psalmos que se parecia mais com o recitativo d'um discurso que com um verdadeiro canto.

«Os Padres da Igreja, de que fallamos, os fundadores d'ordens monasticas, taes como S. Bento, S. Bernardo e outros, muitas vezes recommendaram a attenção, o respeito, a modestia, o recolhimento e a devoção com que se devem cantar em côro os louvores do Senhor. Todas as vezes que se afastaram do antigo espirito da Igreja, e que se introduziu no officio divino musica profana, os auctores ecclesiasticos se queixaram amargamente, e varios concilios prohibiram formalmente esses abusos, como o concilio *in Trullo*, no anno 692, o de Cloveshou, no anno 747, o de Bourges, no anno 1584, etc.»

E' doloroso que esta desordem seja hoje mais commum do que nunca foi; e por certo não haverá pessoa verdadeiramente piedosa que não deseje a reforma.

Abusa-se d'um modo intoleravel do órgão, d'esse instrumento admiravel, cujas vozes harmoniosas e graves, reboando pelas abobadas do templo, quando expressam o sentimento religioso, enternecem o coração, infundem doce piedade, e elevam a alma, nas azas da fé, ás regiões do jubilo eterno.

E' costume, na terra em que escrevemos (Porto), serem em varias igrejas acompanhadas algumas missas a órgão; mas, com vergonha e pesar o dizemos, os organistas, alguns d'elles *ecclesiasticos*, não executam durante o incruento sacrificio, e até mesmo desde a consagração até á communhão, e ainda ante o SS. Sacramento, senão musicas de dança, e trechos de operas e operetas lascivas e immoraes! Será isto religioso, será pelo menos decente?

Chamamos, pois, para este importante assumpto a attenção das pessoas que superintendem nas diversas igrejas, e mui particularmente dos ex.^{mos} Prelados das dioceses. E' necessario que se faça cessar d'uma vez para sempre tam pernicioso abuso. Assim como fóra de desejar que se não executassem nos theatros cantos e musicas sagradas como o *Stabat Mater*, a *Avv Maria*, etc., cujo logar é o templo; assim tambem é mister que se ponham fóra do templo as musicas profanas, que, em vez de incu-

tirem respeito e piedade, distrahem e excitam recordações mundanas.

E seria tambem convenientissimo que das torres d'algumas igrejas, cujos sinos receberam um *baptismo*, uma *benção* catholica, se banissem as musicas chulas e indecentes que com o maior despejo fazem ouvir.

A Deus o que é de Deus, e ao mundo o que é do mundo: ao templo as musicas e os cantos sagrados, e aos theatros as musicas e os cantos profanos. Que dirá o estrangeiro que vir entre nós o inverso?

Acaso não ha musicas sagradas para acompanhar todas as ceremonias do culto? Não ou devem de ser esquecidas as obras-primas de tantos compositores religiosos e verdadeiramente inspirados, para serem só lembradas e desempenhadas as dos auctores de operas e operetas, em que se historiam factos criminosos ou se lisongéam paixões ignobeis? Fóra do templo os barbaros! E aquellos individuos a quem Deus prendou um genio musical, e que possuem um coração piedoso, aproveitem um e satisfaçam o outro na composição de musicas perfumadas de sentimento religioso, que sem irreverencia nem desdouro se possam fazer ouvir na igreja. E os que, sem serem dotados do talento de composição, o são todavia do de execução, quando tenham de fazer uso d'elle no templo, escolham escrupulosamente peçãs que quadrem ao logar santo, e que augmentem ou auxiliem, e não diminuam nem distraiam, a devoção dos fieis.

Serão todos d'est'arte benemeritos da religião.

A. MOREIRA BELLO.

Secção Religiosa

O SUICIDIO

(IMITAÇÃO)

Ao Ex.^{mo} Snr. A. Ribeiro Portugal,
 testemunho de respeito e sympathia

DOLOROSOS pensamentos me cruzam a mente meditando tão melindroso assumpto. O suicida, que em seu furor rouba um direito que só a Deus pertence, é ao mesmo tempo impassivel prostergando um santo preceito do Decalogo e oppondo-se ao que prescreve a moral, a religião e a propria sociedade. A natureza, com o amor e instincto da conservação, levanta-se indignada contra a loucura do suicida, a religião, com suas maximas sublimes e santas, o-anathematiza e a sociedade para a qual o homem nasceu, impõe-lhe o dever de conservar-se para ella.

Todavia, nem moral, nem religião, nem sociedade valeni cousa alguma para

o desgraçado, o insensato que attenta contra a sua propria existencia.

As grandes desgraças, os transe mais agudos de nossa alma, o martyrio mais horrendo de nosso coração não autorizam a calcar quanto a religião prescreve e ordena; e quanto com isso soffre a moral nos é patente e claro como a luz do sol.

O suicida rebella-se, miseravel em seu nada, contra Deus, desfigura seu crime aos olhos da propria razão, e quem sabe se duvidando d'esse *alem da campa*, consolo e esperança só do justo, elle despedaça, louco, os intimos laços que o prendem á vida!!

As desgraças, dizem, «—laceram de tal modo o coração do homem, que lle mostram envolto em funebre veu tudo o que o cerca, nem uma esperança o alimenta, nem uma illusão o ampara, lucta e deseja vencer; mas verga ao peso enorme da desgraça, e assim cercado de lucto e desconsolo vê na morte um leito de flores que o convida a um somno eterno e a um descanso tambem eterno. Porque não deixar, pois, ao peregrino fatigado, aproximar o fim da sua penosa jornada? . . .»

Eis a consequencia desgraçada d'uma doutrina funesta, monstruoso resultado d'uma mentira assassina que os impelle ao mais tremendo e negro abysmo!! Não, mentis! As desgraças por maiores e amargas que sejam não apagam no coração do justo essa esperança consoladora que o ampara, porque para esse estão as suas crenças religiosas, está a certeza d'uma nova vida, sublime manancial de beneficios e recompensas. A religião é a felicidade do homem, o escudo de sua ventura. Sem ella e sem a fé que inspira tudo seria escuro e procelloso, os vicios se preconisariam como virtudes e os mais puros sentimentos seriam atirados ao lado. Emhora exgoiteis, agrilhoados pelas mais cruciantes dores, o calix do amargo fel dos desganhos, retrocedei alguns passos e voltai os olhos ao monte escarpado que denominaram Golgotha, saturai a imaginação dos tormentos ali soffridos pelo Homem Deus, que expirando ignominiosamente legava aos seus perseguidores, em vez da maldição eterna, os bens celestes, um inexgotavel fundo de esperanças e consolos. Sim, evocai esse passado, tremendo para todos nós, e vereis á luz brilhante que d'elle dinana, desfazerem-se as nuvens que oscilam sobre a vossa cabeça, desopprimir-se o coração do agudo espinho que o atravessa.

Não são, certamente as desgraças que o derribam o homem n'essa impetuosa torrente, e, se quereis saber a sua verdadeira causa, não a procureis nem: no amargo de dôr, nem tão pouco no fel d'um desgano, porque acima de tudo isso, estão as crenças, a religião que

tem sempre balsamo para todos os males. Sim, o homem religioso acha sempre nas suas proprias crenças a resignação precisa, porque as desgraças que o martyrisam, as dores que o dilaceram, podem exgotar-lhe as forças, orvalhar-lhe os olhos de sentidas lagrimas; mas por maiores e mais vehementes que sejam, por mais insupportavel que pareça seu martyrio, elle, animado pela fé na providencia, sente da sua mesma desventura germinar a balsamica flôr da esperanza. E' por isso que o homem educado nos principios religiosos, jamais usurpará um direito que lhe não pertence, armando a dextra contra a sua propria existencia, deixando d'ouvir a voz da consciencia, da natureza, da moral e da sociedade, que lhe gritam por si e em nome da religião.

F. G.

Manteigas, Julho de 1884.

(Continúa.)

WALDSTATT

ou

NOSSA SENHORA DOS EREMITAS

(Continuado de pag. 209)

JÁ os trez viajantes tocavam o extremo bordo d'uma rocha abrupta, em cuja falda se cavava o abysmo que tão imperiosamente reclamava o gentil homem helvecio. Um segundo ainda, um segundo mais, e tudo estaria concluido!...

—Mas eis que de repente os dois cavalleiros no imo d'uma cadencia da furiosa brida, ficaram immoveis como duas estatuas de marmore negro. O leve murmuro d'um sino vinha expirar sobre o nevoso plano: — era o officio da meia noite para o qual se tocava em Nossa Senhora de Einsiedeln. —

Bertholdo comprehendeu que a influencia da Virgem paralisára a terrivel potencia que o arrastava para o lado do inferno, e persignando-se a toda a pressa, encommendou-se ardentemente, sinceramente á protectora mãe que parecia intervir entre elle e o exemplar castigo, o qual cheio de compunção confessava bem, mais que bem ter merecido.

Cessou o sino; extinguiu-se a voz do sagrado bronze, e o joven official experimentou um terrivel aperto de coração, vendo os dois cavalleiros agitarem-se com força sobre o dorso dos seus negros corceis.

Mas a voz do arrependimento chegára até junto do estrellado throno de Maria. e os fastasmas com um gesto de pezar e raiva, precipitaram-se no fundo do sorvedouro, deixando Bertholdo extatico, sobre a sua beira.

A lua que de momento se desenven-

cihára das nuvens que até ali obscureciam o ceu, brilhava agora como uma lampada de prata na abobeda do firmamento, e esclarecia magnificamente a paisagem: o official reconheceu então com a mais viva surpresa, que estava sobre uma das planuras mais elevadas do Rigi, d'onde com mil trabalhos e difficuldades tractou logo de descer.

Alguns dias depois, o joven senhor tomando o borel e o bordão de peregrino, pés descalços e cabeça descoberta, lá ia em devota romagem a Nossa Senhora dos Eremitas, em meio da profunda estupefacção dos seus outr'ora congeneres companheiros de prazer, e publicamente faria voto em expiação de suas orgias, de nunca mais praguejar, nem deixar passar atravez dos seus labios, outra bebida senão, a agua das fontes, — a agua pura. —

Assim termina a lenda, deixando-nos como que entêver, no seu protagonista, não só o arrependimento do passado, mas uma verdadeira conversão para o futuro.

O valimento da Augusta Mãe de Deus que é o seu objectivo real, revela-se inconcusso em meio d'aquelle perigo a que temerariamente se exposera o jactancioso mancebo: notando tão somente que não é mister adduzir mais este exemplo e licção, como prova e estímulo para o seu sympathico culto entre nós os portuguezes, a quem na propria historia patria sobejam muitos factos quasi analogos, entre os quaes o Venerando sanctuario de Nazareth, e a popular tradição de Fuas Roupinho, bem alto estão proclamando aquelle valimento e aquelle amor, nas orações sagradas do immortal Malhão, e na devota romaria, que o brioso povo d'esta nação fedelissima annualmente lhe dedica, pagando assim reconhecido a divida contrahida ha tantos seculos, por um dos seus mais crentes e benemeritos ascendentes.

No entrelanto, pondo ponto a esta singella e desprezenciosa narrativa, cujo fundo e parte do contexto extrahimos do erudito Abbadé M. Orsini, verdadeiro discipulo de Chateaubriand, na phrase de Monsenhor Cotteret, Bispo de Beauvais, que já acima deixamos citado, julgamos dever rematal-a, com o profundo e judicioso conceito, que no seu bello livro — *Lea Vierge*, — elle algures deixou consignado, e que diz assim: —

«—Glorificar o nome, e propagar o culto da Virgem Santa, tornando conhecidos os seus sanctuarios famosos, as populares peregrinações que em todo o mundo catholico annualmente os povos lhe consagram, e os favores especiaes que as mesmas sempre relembram não é mercê ou favor que se lhe faça, mas sim dever, e dever rigoroso e grato,

que incumbe a todos que se ufanam e gloriam de se dizerem, seus devotos, seus servos e seus filhos.» —

Villa de S. Sebastião

Terceira 10-10-83.

O Vigario

MANUEL F. DOS SANTOS PEIXOTO.

Secção Scientifica

As conferencias quaresmaes na Sé do Porto em 1884

POR MONSENHOR RODRIGUES VIANNA

II

O Apostolado do Clero em face da—Civilização intellectual

(Continuado do n.º anterior)

O HOMEM, ao despertar da consciencia, encontra-se nos braços da natureza; e, olhando em torno de si, patenteia-se-lhe por toda a parte a imagem radiosa do infinito. Vê o nome de Deus escripto com letras de fogo e diamantes nos campos luminosos do ceu, e com perfumados lyrios nos campos florentes da terra; ouve-o pregoar magestoso nos fremitos da tempestade, doce e amavel no suave murmuro da briza: soletro-o gravado em laminas d'oiro nos arreboes da manhã, e estampado em purpura nos crepusculos phantasticos da tarde; sente-o vibrar-se em notas melancolicas em cada um dos suspiros da sua alma, e em notas calorosas em cada uma das palpitações ardentes do seu coração; em summa, vê que tudo revella a Deus, vae para Deus, atesta a existencia de Deus, e naturalmente reflexiona e pergunta: quem é Elle, esse grande Deus, que tudo annuncia e proclama, e para o qual todo o meu ser impende, como para o seu centro de gravitação?.. Depois attenta em si mesmo, na sua magnitudo e na sua cainheza, na sua elevação e no seu nada, no seu poder e na sua fragilidade, e naturalmente interroga ainda: quem és tu? és pó, sómente pó, que n'um momento se levanta ao ar, e se transforma em imagem humana, para quasi logo se dissolver impellido pelos ventos, ou acaso existe alguma substancia viva, envolta em tua fôrma corporea? E sendo assim, de que natureza é essa substancia? d'onde provém? para onde vae? qual é a sua essencia e o seu destino?

Eis aqui, senhores, os dous polos entre os quaes se move todo o pensamento do nosso espirito, o duplo objecto exclusivo de suas investigações, a esphera dentro da qual se desenvolve todo o humano saber, e por consequinte o *alpha* e o *omega*, o principio e o fim, a base

e a cupula de toda a civilisação intellectual:—é o conhecimento de Deus e do homem, que no fundo são um e o mesmo assumpto.

Senhor! dizia ha seculos S. Agostinho, tão grande pela agudeza da sua intelligencia como pelos sentimentos do seu coração, permitti-me que vos conheça, e me conhecerei a mim: *noverim te, noverim me*. E de feito, o conhecimento de Deus e do homem mutuamente se esclarecem e se explicam: um derrama luz sobre o outro; e, pela sua mesma ligação, quando um se obscurece, projecta sobre o outro a sua sombra. O falso conhecimento de Deus conduz necessariamente a uma doutrina falsa sobre o homem; e a idéa erronea da natureza e posição do homem no universo é sempre acompanhada da alteração da idéa de Deus: *noverim te, noverim me*.

Quem nos ensinará devidamente estes dous conhecimentos radicaes, d'onde derivam e sobre que versam todos os conhecimentos humanos, e de cuja direcção depende a marcha certa ou errada dos povos atravez das civilisações?

Senhores! Eu olho para além da cruz, para além d'esse marco divisorio que separa um mundo, que expira e morre, d'um mundo que palpita e vive, e vejo, sim, vejo o genio hellenico elevar-se altoso nos vastos dominios da idéa e nos horisontes esplendidos do bello, mas vejo já todas as producções scientificas e artisticas d'esse genio privilegiado obscurecidas e torpemente desfiguradas pela treva d'uma ignorancia tão profunda a respeito de Deus e do homem, que hoje fariã dô ainda aos mal iniciados nos principios rudimentares da fé; e Platão, o sublime philosopho que fulgiu como clarissimo luminar n'aquella noite caliginosa do paganismo, triste e cabisbaixo, assentado na aresta d'um promontorio a comparar a investigação d'aquelles dous conhecimentos primarios do espirito humano a uma viagem arriscada, emprehendida em fragil batel por sobre um mar tempestuoso e semeado de escolhos; e a formosa Grecia, ennoitecida em sua cultura e polidez, a forjar-se nos abysmos do erro e da corrupção as algemas ominosas, que mais tarde haviam de entregal-a manietada nas mãos do estrangeiro. O' patria de Pindaro! como seria completa a tua gloria, e te fariam mais sublime apothese, se a lucida corôa da fé te rebrillhasse vivida em torno do genio allivo!

E eu volvo outra vez os olhos para além da cruz, e que vejo? Vejo, sim, a civilisação romana a condensar em si todos os elementos das antigas civilisações, a levantar edificios cujas ruinas gigantescas ainda hoje assombam, e a insculpir em marmore e em bronze esses codigos soberbos, que ainda hoje servem de modelo às legislações modernas,

mas eu vejo no Pantheon a divindade adorada em personificações monstruosas, ridiculas e infames; e eu ouço no Colyseo os gemidos do homem, escravo abjectissimo, sacrificado impiodosamente em milhares de hecatombes, só para distrahir os ocios do povo-rei!...

E eu desvio os olhos com horror d'esse mundo entenebrado em suas proprias luzes, e barbarizado em sua propria civilisação, que é a maior das affrontas a Deus, o maior dos insultos a humanidade, de um immenso negrume asqueroso a deturpar o quadro brilhante da historia, uma pustula immensa estendida por sobre a face do globo; e eu descanço, emfim, as minhas vistas sobre o mundo christão, e que vejo?

Vejo um homem humilde, mas assigualmente com o indisputavel caracteristico d'um emissario divino, que, com o farol da cruz n'uma das mãos, e o codigo civilizador do evangelho na outra, vem atravessando os seculos, ceifando algumas vezes flores, que não quer para si, mas que espargue condolente por sobre o calvario da humanidade soffredora, e quasi sempre ceifando baldões, que leva consigo para curtil-os no seio de Deus, o transmuda-os n'uma prece de bençãos em favor dos ingratos que o perseguem. E esse personagem humilde que passa obscuro e ignorado, involto já em vida no crepe que hade amortallhal-o, falla!... e à sua voz irradia-se a luz na escuridão de todas as intelligencias, desponta o sol da verdade no firmamento de todos os espiritos, e resplandece esplendissimo o astro da civilisação nos horisontes de todos os povos.

E como não hade ser assim, se a palavra que elle faz ouvir no mundo illuina dos labios d'um Deus, é raio da infinita luz, ecco da eterna verdade, torrente de vida que se espadanava d'aquella immenso foco de luz, de verdade e de vida, que anima, esmalta e fecunda todos os seres?

Como não hade ser assim, se, onde quer que elle implanta a cruz, aos pueros resplandores d'esse farol divino o homem conhece o seu Deus, e nos lumes d'elle illumina-se e conhece-se a si mesmo, e levanta a fronte abatida, parte as gargalheiras da escravidão, cinge a corôa da sua regia dignidade, e marcha magestoso e livre em demanda dos seus destinos immortaes?

Como não hade ser assim, se, onde quer que elle annuncia o evangelho; ou torga esse codigo sublime que tem leis para todas as sociedades, maximas para todas as jerarchias, incentivos para todas as virtudes, e semente para todas as civilisações?

(Continua).

Serão Historica

VERONICA

III

CITAMOS no artigo antecedente a revelação de Anna Catharina Emmerich acerca de Veronica, em que se narra circunstanciadamente a historia do Santo Sudario, em conformidade com a tradição.

Se semelhante revelação merece alguma fé, é innegavel que dá grande força a historia de Veronica.

Vejamos qual é a sua auctoridade.

Ora, certamente, ninguém pede para as revelações de Emmerich um grau de fé igual ao que todo o christão deve às Sagradas Escripturas; mas, sem duvida, é a que mais proxima se pôde dar, porque só Deus pôde operar prodigios, e estes nunca apparecem para acreditar a mentira e a impostura.

No caso de que tratamos, emquanto a Emmerich, se manifestaram muitos e continuos prodigios.

E' certo que as suas revelações teem sido geralmente bem conceituadas pelo illustrado clero allemão, francez, belga, inglez orthodoxo, e mesmo em Roma, assim como a sua illustrada auctora.

Bento XIV diz que as revelações que se attribuem a alguns santos ou santas, como por exemplo as de Santa Brizida, supposto não mereçam a fé que damos às verdades da religião, pôdem contudo crer-se piamente, e são muito uteis aos fleis.

De resto, o facto de Veronica, no fundo, é indifferente à religião christã. Sobre elle não se basea nenhum facto, nenhum dogma, nenhum ponto de moral; apenas fornece mais uma prova da realidade do brilho dos milagres de Jesus Christo.

Podemos, pois, prescindir d'elle sem detrimento da causa da religião.

Sendo, porem, em si mesmo muito verosimil, e, alem d'isso, attestado pela tradição e revelações fidedignas, nenhum motivo ha para o não cremos.

E assim muitos auctores antigos e modernos, entre os de melhor nota, não duvidam prestar assenso à tradição de que fallamos.

O doutissimo P. Gaume, cuja seriedade, orthodoxia e illustrada critica ninguém pôde contestar, introduziu este episodio de Veronica na sua admiravel *Historia do bom Ladrão*.

Descrevendo a *via dolorosa*, que é o espaço que decorre do Pretorio de Pilatos ao Calvario (pouco mais d'um kilometro), diz elle o seguinte:

«No meio da rua, à mão esquerda, estava a casa de Santa Veronica. Foi de lá a corajosa e santa mulher, attraves-

sando a fileira dos soldados que d'uma e outra parte guarneciam a rua, veio enxugar, com um panno que se tornou immortal, o Rosto do Salvador.

«Dimas e seu companheiro foram testemunhas d'esta acção heroica. Que deveriam elles pensar do seu companheiro de supplicio (Jesus), objecto d'um tão ardente amor?»

Como se vê, o salio P. Gaume conta esta historia como uma verdade incontestavel, sem hesitação alguma.

Em uma obra curiosa, publicada no anno de 1758, e que se intitula *O Porquê de todas as ceremonias da Egreja e seus mysterios*, escripta em hespanhol pelo P. Antonio Lobera, cathedratico na Universidade de Saragoça, se affirma como certa a historia de Veronica e do Santo Sudario.

E acrescenta o dito auctor:

«Veronica deixou a preciosa reliquia a S. Clemente Papa, successor de S. Pedro, e este a seus successores, até que finalmente foi collocada na Egreja do Vaticano, onde se guarda com singular veneração, obrando immensos milagres que provam a sua authenticidade.»

Isto mesmo sustenta o sabio Bispo de Sainte-Omer, Jacques Paméle, que viveu no seculo XVI, nas suas obras de critica sagrada.

No entanto devemos advertir que a sua narração não parece bem fundada na parte em que diz que Veronica deixou o Santo Sudario ao Papa S. Clemente; porque não é provavel que a piedosa mulher ainda vivesse no pontificado de S. Clemente. Segundo Catharina Emmerich, Veronica, na occasião da morte do Salvador, tinha mais de cincoenta annos.

Comtudo não é impossivel que assim succedesse. Em todo o caso, esta circumstancia não destrua a realidade do facto tradicional de Veronica.

E' indubitavel que na basilica de S. Pedro, em Roma, é venerado o veu sagrado de Veronica desde a mais remota antiguidade. Já no seculo VIII estava estabelecida em sua honra uma solemne festa.

Todos os annos, em sexta-feira santa, dous conegos do Vaticano mostram em silencio o Santo Sudario; e todo o povo e diversas confrarias da cidade, solememente reunidas, adoram em silencio a Santa Face, e oram por algum tempo.

O Santo Padre, que assiste a este acto, os Cardeaes e os Bispos estão de joelhos recitando certas orações.

Esta solemne exposição e veneração da preciosa reliquia da Santa Veronica não confirmará o facto tradicional de Jerusalem?

Parece-nos que o testemunho unanime dos seculos, a palavra solemne dos Summos Pontífices e as homenagens não interrompidas do mundo catholico estabelecem aos olhos de todo o homem sen-

sato a certeza d'este venerando monumento.

Depois de tudo isto, não cessaremos de nos admirar de que Bergier, estimavel apologista da religião, julgasse sem fundamento a historia que temos referido.

Ouçamos o que elle diz:

«Esta opinião popular nasceu de que os pintores muitas vezes tem representado a *veronica* ou verdadeira imagem, sustentada pelas mãos d'um anjo, e outras vézes pelas mãos de uma mulher.»

Não acham galante esta explicação?

Mas então que se ha de dizer da tradição constante, espalhada em todo o mundo, e mesmo em Jerusalem, onde todos mostram o logar em que succedeu o facto?

A origem, que Bergier dá d'opinião popular, não é admissivel; porque, alem de que aquella opinião não é meramente popular, o facto é corroborado por outros testemunhos de grande peso.

(*Continúa.*)

P.º JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Secção Critica

INTERNACIONAL

UMA Internacional tem posto em cuidados os Governos europeus *por sua culpa*; é a Internacional, ou Associação que se formou por accôrdo de *revolucionarios decididos* de differentes linguas, dando-se as mãos para procurar o estabelecimento do *Socialismo revolucionario*, ou um *Estado-social* ainda de mais ruina que a ruina actual da *Sociedade*; o *Socialismo revolucionario* é o complemento da *theoria revolucionaria*, embora uma parte dos revolucionarios proteste contra, pois que tal protesto nada vale, e é Sentença de verdadeira *Philosophia* «contem-se na causa as consequencias». Querer e não querer *não é de homem*, usam assim as creanças a respeito de brinquedos. Abraçar a *Revolução* e querer *moderar* a *Revolução* é loucura ou vontade de se enganar e enganar os outros; a *Revolução* não admite *medida* pois que de sua *natureza* é desmedida e excessiva até ao emprego de seu ultimo meio material ou materializado; tem a *Revolução* um unico *contra* que a *méde* para a combater e que a combate para a anniquillar e ha-de anniquillar-a, e tal meio unico *contra* é a Doutrina Catholica Apostolica Romana.

De aquella *Internacional* passamos a fallar de outra *Internacional* tambem *Associação*, devendo ainda dizer a respeito da *primeira*: que é degradante para os *Governos* o terem deixado correr as cousas de modo a formar-se a *Inter-*

nacional-europea, e mais degradante o modo indirecto ou mediato por que a sustentam, embora o neguem com toda a força de suas *palavras*; quererem a *theoria*, e a *practica* só quanto lhes convem, é contradictorio e impossivel de sustentar; a *Internacional-europea* é digna da *Europa modernissima*, e esta é digna de aquella. *Creado* o *Direito novo* «pela *Maconaria-Revolução*» na Europa, que admira que fosse *creado* tambem o *Direito novo* na Africa, e assim outra *Internacional*, embora haja differença entre as duas? Certos *mestres* revolucionarios, que pretendem não ser *revolucionarios* ou sel-o apenas em *mescla*, gritam contra a *Internacional da Africa*, e chamam a esta *usurpadora* quando elles approvaram e approvam *usurpações* ainda mais graves na Europa; até o *Siècle*, de Pariz, em seu numero de 20 de julho de 1884, o mesmo *Siècle* que é partidario de *usurpações* na Europa, a começar pela feita ao Papa em Sua Soberania Temporal ou Posse dos Estados Pontificios; até, repetimos, o citado orgão *auctorisado* e ligado com as idéas perniciosas em voga na Europa, falla, no alludido numero, de modo desfavoravel e severo contra «*les agissements de la Association internationale avec les indigènes du Congo sur les régions qu'elle acquise moyennant quelques cadeaux insignifiants*». Sem que entremos agora no merito da *questão*, diremos, que sam menos reprovaveis os *taes presentes insignificantes* que as vilanias e traigões com que foram feitas as *modernas ameaças na Europa*! Graças a Deos tenho dado provas, e em Deos espero continuar a dal-as, de que primeiro me interesse pela Religião Catholica Apostolica Romana, e que sou Portuguez até onde o posso ser em conformidade com os interesses Catholicos Apostolicos Romanos; logo não posso deixar de me occupar de todas essas *questões*, filhas do *abandono moral* que produzio o máo governo das Colonias Portuguezas, e de modo especial no que se tem referido á *Africa Portugueza* ou de qualquer modo *aportuguezada*, cujo *abandono* foi tanto que constituiu vastissimas regiões africanas como que *nullius*! começou-se depois a despertar um tanto de *aquelle tanto abandono*, mas ainda assim não extinctas perniciosissimas preoccupações, que têm sido a causa de se disputar (ou ainda mais) a Portugal na Africa o que o não teria sido, se o Governo de Lisboa tivera feito o que lhe cumpria, ou cuidado em procurar a «*Missão*» na Africa Portugueza, não podendo promover-a do modo o mais adequado senão por meio das *Congregações ou Ordens Religiosas*. A Hespanha nossa vizinha, não tocou ou não atacou, em suas situações revolucionarias, todos os *Con-*

os que mandavam e mandam Missionarios para as suas Colonias, e n'estas os «*Frades*» sam tidos como o primeiro elemento para o bem das mesmas. Até a actual *Républica franceza* olha as *Ordens Religiosas* nas Colonias francezas, ou onde o Governo da França exerce influencia, de modo differente de aquelle modo injusto com que as tractou e tracta em França. As Nações *coloniaes* todas, menos Portugal n'estes ultimos 50 annos, não têm visto no Sacerdote ou Missionario Catholico senão um bom Elemento e o *Elemento indispensavel* para a conservação das Colonias, e isto mesmo por parte de *Governantes Protestantes*. Que o *Governo de Lisboa* se desembarace de *preoccupações* a respeito dos «*Frades*» e que os considere não só como homens que vivem conforme a boa consciencia e dentro da Lei, mas como o recurso sem igual para poder conservar as Colonias e não se vêr no futuro mais a braços com difficuldades *internacionais* de que está hoje! Os Governos têm de ser sérios e pensadores, e pôr-se em superioridade aos conceitos mal formados e ás exigencias sem justiça; facilitando e promovendo a execução dos bons juizos e a satisfação do que é justo. Que dos *malus resultados* tirem lição para reparo e desaggravo, e façam *proposito* para que se não repitam. A influencia do *Missionario da Verdade* nunca foi senão benéfica, espiritual e temporalmente, nem de outro modo o pôde ser pois que é elle *enviado do Deus!*

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

Os nihilistas portuguezes

IV

Nos jornaes e discursos republicanos, tudo são louvaminhas e zumbaias aos operarios e artistas; tractam de captivar-lhes as boas graças; fingem-se muito conduidos da sua sorte; fallam-lhes muito nos seus direitos, e nem uma palavra sobre seus deveres; fazem com que odeiem os ricos e olhem com cubiça para seus haveres; vão finalmente preparando com sagacidade o tempo da *Communa*, idade de ouro, em que alguns maltrapilhos se arvorarão em *governos*, cobrindo seus andrajos com a farda roubada a algum general assassinado!...

Então as chamas do petroleo illuminarão as nossas bellas cidades, os operarios e artistas terão de fazer-se ladrões, ou passar duras necessidades, porque, paralisados os negocios e as industrias, não terão em que ganhar honradamente a sua vida!...

Honrados artistas e operarios, não deis ouvidos a essas serêas; querem iludir-vos, promettendo-vos um mar de felicidades, que jamais gosareis; querem ser-

vir-se de vós para destruirem a religião e a reallesa, e ficar-lhes depois o caminho amplo, para sua ambição desmedida e dar largas a suas rancorosas vinganças; querem roubar-vos a felicidade, que só podereis encontrar no respeito às leis divinas e humanas, no amor à vossa familia, e no trabalho honrado, de que tiraes vossa subsistencia. Desconfiai desses falsos apóstolos, que se vos apresentam como grandes amigos, mas que vos voltarão as costas, logo que hajam conseguido seus perversos fins!...

Effectuou-se ha annos em Lisboa uma cerimonia bellissima, que não pode presenciar-se sem commoção, em que a religião, protectora sempre dos que trabalham e soffrem, abençoa em nome de Deus, o trabalho dos homens!...

Pedir a protecção divina para os productos da actividade humana, é dever de todo o verdadeiro christão. É reconhecer o poder de Deus sobre a creatura, é um acto de submissão ao poder divino, que só Satanaz—o primeiro revolucionario do mundo—e seus sequazes, se atrevem a censurar!...

Entretanto a imprensa republicana e nihilista, com aquelle cynismo, que todos lhe conhecem, tentou ridiculisar a imponente cerimonia!...

O demonio não pôde tolerar a cruz, nem a agua benta!...

V

Recordemos o facto, bem que sobre elle tenham decorrido alguns annos, para reproduzirmos as considerações, que então a esse respeito fizemos.

Construiu-se nos estaleiros de Lisboa uma canhoneira, a que deram o nome de—Ave. O ministro da religião foi chamado, para benser o novo barco, pedindo a Deus que elle sulcasse impavido as ondas, e resistisse incolume á furia das tempestades.

Não gostaram os nihilistas!...

Enfureceram-se e no auge da loucura, chamaram á Igreja inutil, esteril, estacionaria; e ao trabalho, energico, forte, revolucionario, moderno! (Pelos modos dantes não se trabalhava!...)

E' a velha cantiga, todos os dias repetida pelos revolucionarios.

E' a execução das ordens das cafuas:—guerra á religião, que é um obstaculo a seus damnados intentos, e incenso aos operarios, em cujo dorso escarranchados, contam elles (os nihilistas) meter-se nos nichos, que por emquanto vem de longe com olhos cubicosos!... (*)

Se os republicanos e nihilistas de todos os matizes não tivessem, alem d'outros predicados, o de affectadamente ignorantes, não avançariam taes despro-

(*) E que não estão muito bem occupados pelos actuaes revolucionarios.

(Nota da redacção).

positos. A historia da Igreja catholica é a historia da civilização do mundo. Negar-o é negar a evidencia!...

O trabalho é energico e forte; promovam-no as grandes obras, que elle tem executado, mesmo nos seculos, que muitos chamam de obscurantismo; mas não é revolucionario no sentido, em que tomamos esta palavra.

Revolucionarios são os trabalhos publicos e occultos dos nihilistas, para dirruir as instituições e acabar com a religião, que tantas consolações dá ao pobre no meio da sua miseria; ao infeliz no auge das suas afflicções; ao artista no labutar do seu trabalho incessante!...

Revolucionarios são os trabalhos dos nihilistas para lançar a sociedade portugueza em um cahos, em um abysmo de revolução e miseria!...

O trabalho do artista, que ganha honradamente a sua vida, esse não é revolucionario: é pacifico, moralizador, é fonte de verdadeiro progresso, de verdadeira felicidade!...

Não procureis pois, revolucionarios incorrigiveis, transtornar a cabeça do operario, apontando-lhe para uma felicidade, que elle jamais poderá experimentar, fóra do amor de Deus, da familia e do respeito à lei!...

Um amante da religião, da patria e do throno.

(Continua)

COISAS! COISAS!

Não ha outro remedio! A final havemos de fazer côro com os inimigos das Irmãs da Caridade, porque ellas estão todos os dias a dar motivo ao descontentamento dos *illustradissimos* revolucionarios em miniatura, que n'este nosso Portugal querem fazer de farrões, investindo contra pobres mulheres.

Ahi vae, pois, uma das *tratantadas* das Irmãs da Caridade, que são as mesmas tratantadas que faziam os frades e as freiras:

As Irmãs Hospitaleiras, das Trinas de Mocambo, em Lisboa, do pouco que tem repartem todos os dias com os pobres, dando uma ração de pão a cada um que se apresenta á portaria. E não fica aqui a *maroteira* das taes Irmãs; vão mais longe estas *santarronas*, como lhe chamam os *illustradissimos*. A's onze horas da manhã, duas Irmãs, coadjuvadas por uma senhora, ensinam aos rapazes a doutrina christã (!!!), indo depois para a igreja cantar a doutrina em côro para que as creanças mais facilmente a aprendam. E a uma d'estas *patifarias* juntam-se umas 40 creanças!

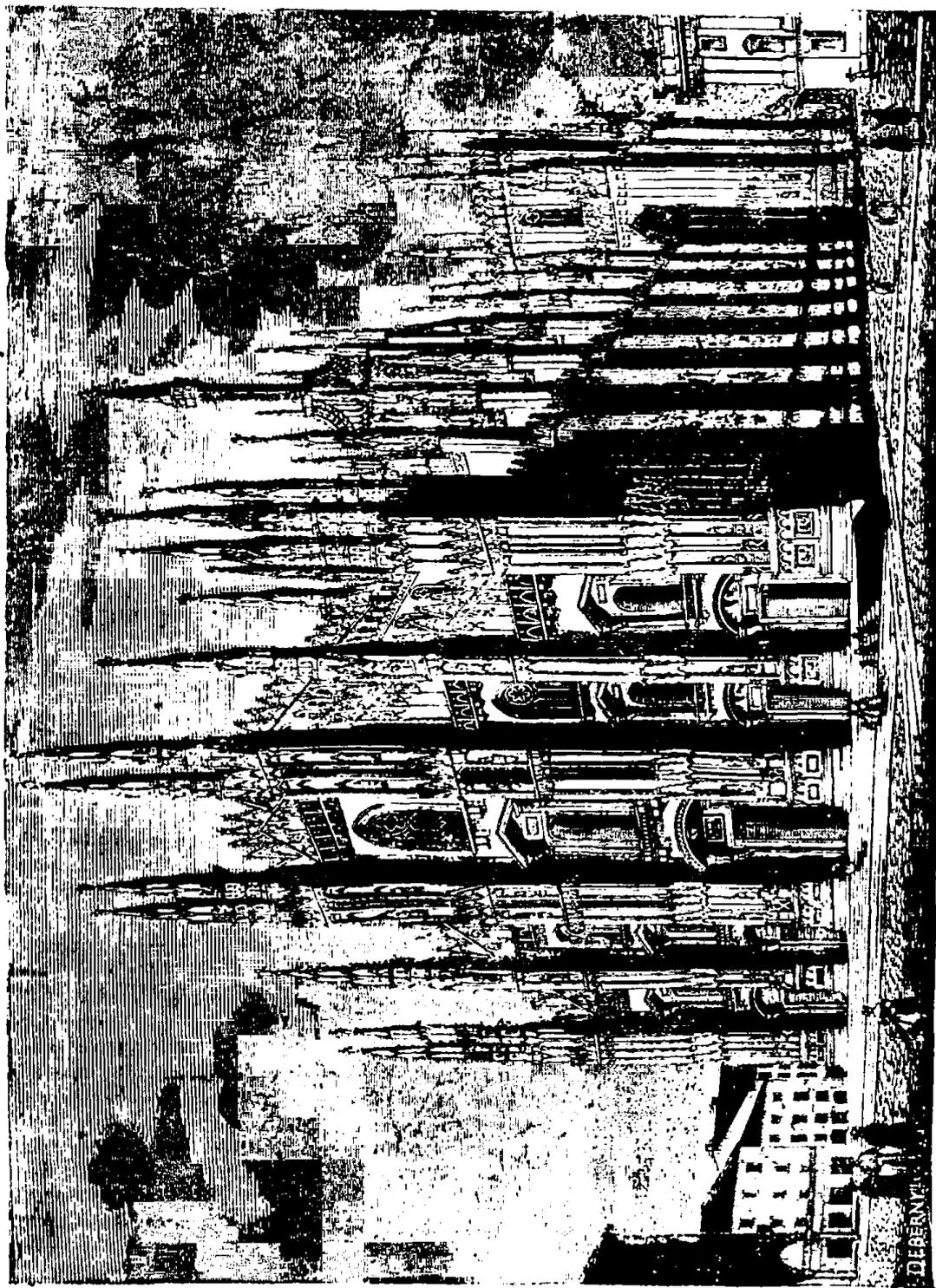
Não seria melhor que estas creanças

andassem pelos cafés a aprender *bons* costumes para depois venderem o *Diário de Noticias* e outros *noticieiros*?

E não só isto, mas muito mais ainda fazem ellas.

com a vida a dedicação com que se entregaram ao tratamento dos cholericos. E os radicaes, os *illustradissimos* vão já conhecendo os serviços das boas Irmãs da Caridade, como se prova pelo que o

deve secularisar os hospitaes. N'uma das minhas visitas ao Pharò quiz ir vêr até os sotãos. Havia n'esses sotãos 14 cadáveres de cholericos; ouvi ruido, perguntei o que era e disseram-me que era



A CATHEDRAL DE MILÃO

Em Toulon e Marselha, quando os enfermeiros leigos, abandonaram os hospitaes com medo ao cholera, foram ellas, as pobres Irmãs da Caridade, arrostar com os horrores da epidemia, pagando

Hairs de Marselha disse d'ellas ao conde de Haussouville, que não devemos esquecer de archivar. Leia-se:

«Eu era um grande secularizador, mas agora comprehendo que se não pôde nem

uma Irmã da Caridade que se occupava em desinfectar os cadáveres. Compreendi então que não era por vangloria que se sacrificavam pelo proximo essas mulheres.»

Que tal é a confissão? Este é porque não sabia os serviços das Irmãs da Caridade, mas ha outros que os sabem perfeitamente, mas que, por serem maus, continuam a odeal-as. Ellas, porem, vão triumphando dos seus inimigos, fazendo bem a esses mesmos, como aconteceu em França, que as expulsaram dos hospitaes, substituindo-as por enfermeiros leigos, que abandonaram o seu posto, mas que, na occasião do perigo tiveram de as chamar, porque sem ellas, morreriam os cholericos sem soccorros de qualidade alguma.

Em Hespanha deram ellas tambem provas do seu heroismo, ao estabelecer-se os lazaretos na fronteira. Em um d'elles havia só duas Irmãs, que faziam todo o serviço, a limpeza da casa, as camas, apesar de estarem alli 81 viajantes, que se admiravam de tanto trabalho, de tanta paciencia, com que as duas Irmãs acudiam a tudo, sem terem um momento de descanso. Foi em vista de taes serviços que o governador pediu mais 12 Irmãs da Caridade para os seis lazaretos que havia em Irum.

Mais ainda: Os frades capuchinhos, de *Fuenterrabia*, sabendo que não havia hospital para cholericos offereceram o seu convento, e elles mesmos se offereceram para enfermeiros. Os Jesuitas residentes em Valencia offereceram á junta de sanidade a sua formosa casa para hospital de cholericos, no caso de que o terrivel flagello visitasse aquella cidade.

Que dizem a tudo isto os snrs. revolucionarios? São ou não uns grandes *patifes* os frades, jesuitas e Irmãs da Caridade?

Vamos dar a nossos leitores uma noticia, que encontramos em um collega, com a qual provamos mais uma vez a utilidade da confissão e a necessidade dos conventos. Para os leitores do *Progresso Catholico* não era tal prova necessaria, nem mesmo para os que de má fé e por maldade desdenham da confissão, maldizem os conventos; mas para os cegos, para os ignorantes, que se deixam arrastar pelo que lhe dizem os *finorrios*, para esses muito deve aproveitar, e portanto ella ahi vae:

«Toda Paris, toda Madrid, toda Europa conheceu o famoso aventureiro hespanhol Garcia.

No esplendor de Baden-Baden e de Hamburgo foi durante alguns annos o heroe da roleta e dos trinta e quarenta, e os seus desafios á banca ficaram legendarios.

Tinha ganho aos milhões como os jogadores ordinarios ganham aos milhares.

Este nababo, de cujas prodigalidades e loucuras Paris era o theatro, alimentou a chronica dos salões por muito tempo. Um dia offuscou-se sua estrella e pouco depois desapareceu totalmente. Garcia

perdeu em poucos dias jogando uma fortuna de principe que tinha ganho ao jogo.

Desde então desapareceu e ninguem mais se lembrou d'aquelle Cagliostro de novo genero.

Algum tempo depois veiu á Hespanha e todo o mundo o viu pobre, triste e miseravel. Muitos não queriam crer que aquelle homem fosse o celebre Garcia que havia ganho, gasto e tornado a ganhar tantos milhões que parecia haver desallado o azar e tel-o vencido.

Depois de ter nadado sobre o Pactolo, teve que lutar contra a miseria, e se agarrou como um naufrago a toda taboa que encontrava á mão, sendo alternativamente socio nas casas de jogo, mogo de café e cocheiro.

Vivia desconhecido e o seu olhar denunciava os tormentos d'alma e a miseria da sua existencia. A idéa do suicidio o perseguia sem treguas, quando se lhe occorreu, segundo conta um periodico francez, confiar seu martyrio moral a um sacerdote. Este conseguiu acalmar aquelle espirito perturbado e a final fez com que elle tomasse o habito monacal. Fez-se trappista e condemnou-se até o fim dos seus dias a uma rigorosa abstinencia, e ao eterno silencio.

Garcia, que durante tanto tempo viveu no turbilhão dos prazeres, e a quem tantas formosas mulheres prodigalisaram seus sorrisos, vaga hoje debaixo das abobadas d'um claustro, e reza de joelhos sobre as frias louzas d'uma egreja, não ouvindo outra voz humana senão a d'algum irmão que ao passar junto d'elle lhe annuncia: «Irmão, temos de morrer.»

Agora uma pergunta. Se não houvesse um padre a quem Garcia se confessasse, aliviando assim a sua consciencia, e se não tivesse a porta de um convento, onde bater, que seria d'elle? Onde achar remedio?

No suicidio, nos responderão os espiritos *fontes*, e que não passam de uns fracalhões, que não tem força de viver quando a desgraça os visita.

Noticiam os jornaes que o convento de Mafra, esse vasto edificio, que ostenta ainda hoje a grandeza e a piedade do grande rei D. João v, mostrando ao mesmo tempo a pequenez dos monarchas d'hoje, que fazem consistir o seu poder unicamente no luxo e lentejoulas de algum baile; esse vasto edificio, dizem os jornaes, está prestes a formar um montão de ruínas! As torres estão em imminente perigo de desabamento, as madeiras apodrecidas, e as ferragens completamente deterioradas.

Os amigos do *progresso*, os inimigos dos frades, não contentes com tirar a estes o pão, apoderando-se de todos os seus bens (milhares de contos de réis!) nem ao menos tem o amor da patria a

impelli-os a sustar esses venerandos monumentos, unicos que attestam ainda hoje o que foi Portugal, o que eram portuguezes!

Não admira, que o dinheiro do povo ou se hade gastar em compra de deputados, ou em livrar das ruínas os monumentos patrios.

Provêmos mais uma vez que os inimigos dos jesuitas são estupidamente ignorantes, cobardemente traidores á patria, e propugnadores do barbarismo, e sustentaculo do selvagismo.

Vae fallar o nosso esclarecido collega da ludia, o *Macaense*. Juntem-se em volta de nós todos os sabios de Portugal, os membros todos de quantas associações de instrucção e philantropia existam, todos os liberalões, todos os mações, todos os parlapatões, que nós vamos dizer-lhe o que foram os jesuitas. Escutem:

«Com a epigraphe *As Ordens religiosas*, publicou o nosso illustrado collega de Orlim, *O Crente*, um bem elaborado artigo em que prova que só por meio das ordens religiosas se pôde providenciar ás vastissimas missões do nosso padroado, e para mostrar o grau da influencia benefica e civilisadora que as ordens religiosas podem exercer, aponta como exemplo a possessão franceza na ilha de S. Maria, onde em menos de um quarto de seculo os jesuitas chegaram a estabelecer 190 escolas que contam seis mil alumnos, 195 estações catholicas, 7 asyls para os orphãos, 1 para os leprosos, hospitaes e pharmacias em tão grande numero que toda a choupana dos missionarios é uma verdadeira botica dos pobres.»

Já veem que os inimigos dos jesuitas são tambem da instrucção, da caridade; odeiam os jesuitas, porque os jesuitas são o sol que illumina com a luz da intelligencia todos os espiritos, são os santos da caridade, que acodem a todos os infortunios.

Liberalões de todas as marcas, que nos offereceis que possa substituir o jesuita?

Um jornal que se publica no Porto, destinado ás ruas, chamado *Primeiro de Janeiro*, querendo mostrar o *ferro* que lhe entrou na alma *liberalissima*, com a derrota que os irm.º levaram na Belgica, diz:

«A Belgica agita-se sacudidamente contra as tendencias e actos do governo clerical.»

A Belgica? que entende o janeirissimo jornal por Belgica? Não será a maioria do povo belga, a parte sensata, a parte sã, que fórma o reino da Belgica? Não foi a Belgica que derrotou nas ultimas eleições os exploradores, os delegados da seita maldita, que em todos os paizes catholicos tem feito a desgraça dos povos? Pois a Belgica será essa meia duzia

de atheus que ao impulso dos homens de puras crenças foram enxotados do poder? Ora adeus meu caro senhor *Primeiro de Janeiro*; trate de outra vida, ou vá fallar aos cafres, que por aqui não faz nada com o seu arengar.

Um dia virá também em que Portugal hade saber desfazer-se do bandoleirismo que o opprime, porque Portugal não é essa meia duzia de *politicos* que uns apoz outros escalam o poder, e assassinam a patria á custa de tributos, arrecaçados á custa das lagrimas e da fome d'um povo.

Portugal hade despertar um dia e livrar-se dos que lhe arruinam a fazenda, dos que lhe arrazam os templos, dos que põem o clero a pedir esmola, dos que lhe ensinam os ilhos a negar Deus nas escólas, nas gazetas, nos parlamentos.

Creia isto, collega.

UM LEITOR DE GAZETAS.

Secção Parlamentar

Discurso de S. Ex.ª R.ª o Sr. Bispo da Guarda em sessão de 29 de março.

(Conclusão)

Não acabarei sem dizer duas palavras ainda a respeito da *Propaganda Fide*.

Eu costumo fallar sempre a verdade.

Nós temos muitos aggravos da *Propaganda Fide*. Não pôde desfazer-se a historia.

Mas esses aggravos são anteriores á concordata que se celebrou em 1857.

Os acontecimentos d'esse tempo não são airosos para ninguém, e são de gravissimas consequencias para a nossa religião.

Mas, depois da celebração da concordata, ainda que não executada, se vive em paz, havendo apenas de vez em quando pequenas divergencias, que facilmente se compõem, e que são devidas á vizinhança e mal definidos limites, jurisdicções, direitos e deveres.

Nós, sr. presidente, ainda hoje, apesar de cerceado successivamente o nosso dominio ultramarino, não sabemos bem o que é nosso; governei a diocese de Angola por espaço de cinco annos, e nunca pude saber quaes eram os limites precisos do seu territorio.

O mesmo acontece a respeito das egrejas do nosso padroado no Oriente.

E, se eu fosse perguntar ao governo, talvez elle não podesse dizer-me quaes os limites dos nossos dominios no ultramar, da provincia da Guiné, Angola, Moçambique, India, especialmente pelo que toca á linha divisoria do interior.

Eu perguntaria se effectivamente os governos, e não me referia especialmente a este, ou outro, têm cumprido os seus

deveres inherentes á honrosa e pesada prerrogativa do padroado?

A resposta a este respeito não poderia ser duvidosa.

Ha um documento official que reconhece a decadencia das nossas missões. Refiro-me a um decreto de 1880, relativo á organização da instrucção ecclesiastica na India, e referendado pelo illustre ex-ministro, o sr. Julio de Vilhena.

E havemos nós de censurar o Santo Padre por cumprir o seu dever, e applaudirmo-nos por faltarmos ao cumprimento dos nossos?

Sr. presidente, a minha situação n'esta casa é uma situação especial, e eu não posso deixar de dizer algumas palavras sobre o projecto para a reforma de alguns artigos da carta constitucional, que está na tela da discussão.

O sr. *Presidente*:—V. ex.ª poderá inscrever-se para entrar n'essa discussão na ordem do dia. Agora, porém, já passou a meia hora destinada a quaesquer assumptos estranhos á ordem do dia, e passando-se a ella, é o digno par o sr. Ornellas que tem a palavra reservada para continuar o seu discurso.

O *Orador*:—Sei isso perfeitamente, sr. presidente, e tanto eu me empenho em não transgredir o regimento d'esta casa, que, quando na sessão passada se fallou aqui na *Propaganda Fide*, eu deixei então, por já não ter tempo de o fazer sem prejuizo da ordem do dia, de dizer alguma coisa a esse respeito, que me parecia dever dizer.

Se, portanto, v. ex.ª me não permite fazer desde já as reflexões que tenho ainda a fazer, e que são sobre o projecto de lei que constitue a ordem do dia, eu para não interromper a ordem que levou a discussão d'esse projecto, fallarei em occasião que v. ex.ª julgue mais opportuna.

O sr. *Presidente*:—O nosso regimento é que dispõe na conformidade que eu ha pouco disse; a minha observação foi, portanto, feita em nome da camara. E' pois, a ella, que compete decidir se v. ex.ª pôde, n'este momento, continuar a usar da palavra, ou se deve fazer as suas reflexões na devida altura, quando, dentro da ordem do dia, lhe caiba a palavra.

Vozes:—Falle, falle.

O sr. *Presidente*:—Uma vez que a camara quer, pôde v. ex.ª continuar.

O *Orador*:—Sr. presidente, eu tenho toda a franqueza em expor as minhas opiniões.

Direi, portanto, que voto a generalidade do projecto de lei n.º 246, por que entendo que é de uma necessidade absoluta e inadiavel sahir d'esta situação em beneficio d'este ou de outro governo, e mais que tudo, em bem da nação, e encerrar quanto antes este periodo revisor

ou constituinte, para podermos occuparnos de questões tão momentosas quanto importantes, como aquellas de que precisamos tratar, taes como as que dizem respeito á administração colonial, instrucção, administração e fazenda.

Ver-me-ia embaraçado a responder, se me perguntassem precisamente, se votava o projecto.

Teria de responder o sim e o não; que votava a favor e contra; o ser e o não ser; o *to be or not be*, de Shakspeare. Visto o projecto não ter generalidade e especialidade.

Em todo o caso não tenho duvida em declarar que voto a necessidade da reforma da carta.

Não acredito na constancia das cousas humanas, e muito menos na immutabilidade das cousas politicas.

Entendo que a todas as cousas preside uma lei, que é a do progresso e da perfectibilidade, e que esta lei se ha-de cumprir pela evolução ou pela revolução.

Voto-a, porque não julgo incompativel a minha crença e a minha fé com todos os progressos legitimos.

Podia fazer mais algumas considerações, mas não as faço, porque não me considero auctorizado a fazel-as.

Ha um ponto especial sobre que devo fallar.

E' o § 14.º do artigo 75.º.

Parece que, votando a necessidade da reforma, voto também a reforma d'este artigo.

Não é assim, ou antes voto a necessidade d'este paragrapho: eu me explico.

As ideias que estou expendendo são opinião pessoal.

Supponho que algum dos prelados do reino tomara a palavra em occasião opportuna, para expender a opinião do episcopado portuguez sobre o assumpto.

Esta é a minha opinião particular e pessoal: voto a necessidade da reforma, mas não voto a reforma do § 14.º do artigo 75.º, como está concebida no parecer.

Se eu tivesse de apresentar alguma proposta seria assim concebida:

«Proponho que seja eliminado o § 14.º do artigo 75.º da carta constitucional, ficando assim prejudicados o artigo e paragrapho correspondentes do projecto, que se discute.»

Tratando-se da reforma da carta e do alargamento das liberdades publicas, eu, em nome d'ellas, pediria mais liberdade e facilidade para as relações entre a igreja e o estado.

Mas não se trata agora d'esta questão.

A occasião opportuna hade chegar, e então, como souber e poder, heide defender as minhas ideias.

Para não abusar mais da paciencia de v. ex.ª e da camara, eu não continuarei, e termino agradecendo a benevolen-

cia extrema e muita consideração que me dispensaram, ficando animado pela maneira como fui recebido a poder fazer novamente uso da palavra, quando o julgar conveniente:

(O orador foi muito cumprimentado.)

Secção Illustrada

O Infante D. Henrique

(Continuado de pg. 57 do 6.º volume)

IV

Tudo se dispozera para a partida de Africa, e já D. Henrique chegara a Lisboa com a armada que viera do Porto. Um acontecimento, porém, viera tornar em prantos as alegrias que iam por todo o reino. D. Philippe, a mulher de D. João I, a rainha de Portugal, ferida pela peste que grassava em algumas terras do paiz, deixara este mundo, na occasião em que o maior feito das armas portuguezas se ia realisar. Entregara as espadas de cavalleiro aos filhos, e sua alma voára ao céu.

A morte da rainha não suspendera a partida da armada, que deixou o porto de Lisboa com destino ao Algarve. E que armada ella era, se a compararmos com a *esquadra* que hoje possui Portugal! Compunha-se de 59 galés, de 33 navios grossos de guerra, e de 120 vasos de transporte; ao todo 212 embarcações, com cincoenta mil homens!

Em Lagos é que se descobriu o segredo da expedição ao lèr-se a bulla do Papa, abençoando a cruzada santa. A 14 de agosto, anniversario da batalha de Aljubarrota, avistaram Ceuta, onde o infante D. Henrique foi o primeiro a entrar, acompanhado pelos outros infantes e alguns cavalleiros, que durante tres horas obraram prodigios de valor, e quando D. João I mandou entrar os seus cavalleiros podia considerar-se a cidade ganha. Um dia bastou para alcançar tão grande victoria, para arrear o crescente e fazer tremular aos ventos africanos, por entre as ameias mouritanas, a bandeira de Aljubarrota e Ourique.

Foi com este baptismo de sangue que os filhos de D. João I se armaram cavalleiros.

V

Assim como o dia 14 de agosto memoria os dias mais gloriosos para D. João I a batalha de Aljubarrota e o avistamento de Ceuta, marca tambem uma data triste nos annaes da historia portugueza. D. João I falleceu em Lisboa no dia 14 de agosto de 1433, deixando todos os filhos armados cavalleiros e experimentados em cem combates.

D. Duarte, que tomou as redeas do governo, quiz seguir as pisadas do pae e lembrou-se da Africa, da conquista de

Tanger, que os irmãos approvaram e muito principalmente o mais novo, D. Fernando. Contra o conselho dos bravos cavalleiros, companheiros do Mestre de Avis, fizeram-se os aprestes para a nova jornada, e com pouco mais de sete mil homens, lá foram os infantes D. Henrique e D. Fernando, caminho de Africa, onde encontraram todo o poder mourisco decidido a vingar a perda de Ceuta.

O exercito dos infantes que cercava Tanger viu-se apertado pelas forças dos schafarifes de Fez, Marrocos, Tafilete e Belez, em numero de 10 mil cavalleiros e uns 100 mil infantes. Estavam perdidos os portuguezes, e propozeram ao schafarife de Fez, o dar-lhes caminho para embarcarem. Este acceitou mas impoz em troca a entrega de Ceuta, e que um dos infantes licaria em refens até a entrega da praça. A perda do exercito ou a perda de Ceuta, era o que os infantes tinham de escolher; D. Fernando offereceu-se a ficar preso até que Ceuta fosse restituída aos mouros, e D. Henrique voltou a Portugal com o exercito e com a vergonha causada pela maior das desgraças, que até então soffrera Portugal.

D. Henrique desembarcou no Algarve com receio de se apresentar ao rei; e o conselho do reino optou que não se entregasse Ceuta, embora D. Fernando ficasse prisioneiro, como ficou, soffrendo fome, maus tratos etc. como um criminoso, e assim morreu, martyr da fé, recusando sempre ser resgatado, dizendo que mais valia a Portugal uma cidade, que um homem. E' o retrato d'este santo infante que hoje damos na primeira plana do *Progresso Catholico* prestando o preito devido à memoria de um portuguez illustre, de um principe digno de tal nome.

E bom é relembrar estes rasgos de patriotismo e abnegação, n'estes tempos de estúpido egoismo sectario, quando se antepõem os interesses politicos aos interesses da patria.

O governo portuguez, então, dizia: fique embora o infante preso, mas não se perca Ceuta, uma cidade regada com sangue de heroes e feita christã à custa de muitos sacrificios; hoje diz-se na casa da governação publica: percam-se as colonias, conquistadas à custa de muito sangue, fiquem embora paganizadas, desconhecendo a verdadeira civilisação; mas não nos fallem em frades.

O principe, então, dizia: fique eu sempre preso, mas não se sacrifique a honra e dignidade da nação; hoje o principe, pela bocca dos seus ministros, diz: percam-se as colonias, mas não haja frades; antes a deshonra da nação, que deixar de satisfazer aos compromissos que temos com a Revolução.

(Continúa.)

II

A Cathedral de Milão

Milão é uma cidade importante da Italia, com uma população de 200 mil habitantes.

Entre os varios edificios religiosos que possui esta cidade destaca-se com notavel saliencia a famosa cathedral, que, segundo a opinião de varios escriptores é uma das maravilhas do catholicismo. A primeira pedra foi lançada em 1386 e julgamos não estar ainda de todo concluida a obra. E' de dimensões collossaes, e rica em obras de arte, e em marmores de alto preço. A fachada principal é ornada com 250 estatuas, e o interior é de uma grandeza admiravel. Os pulpitos são de bronze dourado e as cinco naves em que se divide a cathedral são formadas por 52 columnas octogonaes.

Ornam a cathedral no exterior 1923 estatuas, pelo que se pode calcular o que seja o interior, onde os marmores, o ouro, as pedrarias abundam por toda a parte.

E' tal a riqueza, a belleza e opulencia d'esta cathedral que nos dispensa de maiores detalhes. Do exterior faz idéa exacta o leitor à vista da nossa gravura, e vendo-a hade dizer com certeza: — como é bom pertencer a uma religião que levanta taes monumentos, e que com elles tanto anima as artes. Felizes os tempos em que taes obras se faziam, bem mais felizes que estes tempos em que vivemos, que são os tempos do arazamento, da destruição. R.

Secção Litteraria

CARIDADE

CARIDADE! CARIDADE!
Só teu nome mavioso
Dá o mais celeste gozo,
A mais pura felicidade
A' inteira humanidade!
Tu és qual astro luzente,
Que, fulgindo, de repente,
No meio da escuridão,
Aponta, com seu clarão,
O caminho ao viandante!

Em teu olhar deslumbrante
Sempre transluz a doçura!
Sempre uma nobre ternura
Apparece em teu semblante!
Quanto não és radiante,
O' celeste CARIDADE!!!
Que pura suavidade
Não transpira em teu sorriso!!!
Salvé, Flôr do Paraíso!
Salvé, Anjo de Candura!

Com que ineffavel brandura
Soccorres os desgraçados!
Com que extremos cuidados
Suavisas a amargura,

Que rasga, punge, tortura
A viuva desolada!
Como corres apressada
A recostar em teus braços
Os membros rouxos e lassos
Do humilde pobresinho!

Com que indizível carinho,
Com que excessiva bondade,
Com que terna piedade
Recebes tu o orphãosinho?!
Como é florido o caminho
Que seguem tuas irmãs,
Tão singelas, tão louças,
Que, a teus filhos, dão incanto,
Aos máus, causam espanto
Conversão ao peccador!!!

Oh! com que excessivo ardor
Correm para os hospitaes,
Esses anjos divinaes,
Esses mysterios d'amôr!
Como soffrem, sem pavor,
Os dictos motejadores,
Que os infames, os traidores,
Olvidando os beneficios
E seus longos sacrificios,
Lhe cospem sem piedade!!!

O' lirios de CASTIDADE,
Quanto não sois desprezados!
Quanto não sois aviltados
N'este abysmo de impiedade!!!.....
O' crua preversidade!
O' negra ingratição!
O' homens, sem coração,
Porque causa despresaes
As virgens celestiaes,
A vossa consolação!!!.....

Mas exulta, ó CARIDADE,
Que o teu longo sacrificio,
Receberá, em beneficio,
A ETERNA FELICIDADE!!!

J. A. M.

Porto e Seminario,
18-5-82

Retrospecto da quinzena

FOMOS mimoseados com um exemplar da notavel Provisão que S. Ex.^a R.^{ma} o Sr. Bispo da Guarda dirigiu ao Clero e fieis da sua diocese. Agradecemos penhorados a distincção honrosa que merecemos de S. Ex.^a R.^{ma}, e pára que de todos os nossos leitores seja conhecido um documento de tanta importancia, principiaremos no proximo numero a publical-o.

Agradecemos penhoradissimos o convite que nos foi feito para assistirmos ao 11.º Congrès des Oeuvres eucharistiques, que se realisará em Toulouse, França, nos dias 9 a 14 de setembro proximo.

Não podendo pela distancia que nos separa fazer-nos representar em um Congresso que tantos serviços tem prestado à Igreja, enviamos ao Comité a

mais franca adhesão a todas as suas decisões.

Não está extincta ainda a fé que outr'ora animára os portuguezes aos maiores commettimentos; não, não está ainda extincta, e a prova temol-a nas demonstrações de regosijo com que os povos de Traz-os-Montes, receberam o seu e nosso Prelado, o Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. D. Antonio José de Freitas Honorato, por occasião da sua visita áquella provincia. E não menos são uma prova do que deixamos dito as festas feitas em Villa Real, por essa occasião, em honra da sagrada Imagem do Senhor Jesus do Calvario. As pomposas gallas distendidas na capital de Traz-os-Montes, essa multidão de gente que alli acudiu para assistir ás festas e conhecer o seu Pastor, prova são de que Portugal, bem que peze aos *illuminados*, é e hade conservar-se catholico, embora as cruces sejam safadas das moedas, embora os cruzeiros gigantes sejam feitos pedaços e removidos das praças publicas. A cruz está gravada no coração do nosso povo, como nossos maiores a gravaram em suas armaduras e nas laminas polidas de suas espadas.

Bem haja o povo de Villa Real! Gloria seja a esse povo catholico!

S. Ex.^a R.^{ma} administrou o santo sacramento da Confirmação a milhares de pessoas, e deixou em Villa Real um testemunho de sua muita caridade, nas avultadas esmolas que alli fez distribuir.

Deus dilate a vida do nosso Prelado como havemos mister nós todos que do coração o amamos.

A festa da Assumpção da Santissima Virgem, a que se dá n'esta cidade o nome de festa da Senhora da Oliveira, por ser n'esse dia que se festeja sob esta invocação a Padroeira de Guimarães, fez-se, como é costume, com a pompa e esplendor dos mais annos, e assim se fará enquanto existirem essas reliquias venerandas de uma instituição que durante oitocentos annos abrigou á sua sombra Guimarães e lhe deu renome e gloria com as suas festas, com os homens eminentes que creára. Breve desapparecerá, envolta em ruinas, essa corporação nobilissima, e desapparecerá em nome do progresso, da civilisação e da liberdade!

Como é infeliz um povo depois que é governado pela revolução, pelo atheismo!

Foi grande a festa no dia 15 d'agosto, brilhando ainda uma vez mais as pompas da igreja de Santa Maria de Guimarães. A musica era excellente, e excellentemente executada sob a direcção do R.^{mo} Padre Eugenio da Costa Araujo Motta. Na escolha dos oradores foi a meza da irmandade verdadeiramente feliz. De manhã subiu á cadeira da verdade o joven levita Padre José Ferreira Guimarães, filho de uma freguezia do

concelho de Fafe, e de tarde fez-se ouvir o já bem conhecido orador Dr. Santos Monteiro. São dois oradores á altura das circunstancias actuaes. O de manhã com o fogo da mocidade, com o entusiasmo que só a fé inspira, pôde comparar-se ao cavalleiro que pela vez primeira entra em combate, orgulhoso das armas luzidas que veste, ambicionando a gloria que cabe aos valentes, desejeoso de louros com que aureolar a fronte juvenil.

O Padre Ferreira, do alto do pulpito da igreja de Afonso Henriques e João I, folheou a historia de Portugal, leu-a ao numero e selecto auditorio, e lembrou-lhe os feitos gloriosos de seus antepassados. E tão bem soubera elle escolher os quadros; foi tão feliz na maneira de os expor, que os seus ouvintes, se não tivessem no peito bem gravado o amor da religião que a patria fizera grande, sahiriam do templo orgulhosos do titulo de catholicos e portuguezes. Teve momentos que arrebatou o auditorio, e outros em que fez as lagrimas humedecer as faces de muitos.

Com a energia dos apostolos condemnou o progresso material, e com a saudade de portuguez lastimou as desgraças da patria.

O Dr. Santos Monteiro era o cavalleiro experimentado em cem batalhas, caminhando sereno por meio das hostes inimigas, derrubando para todos os lados com a força potente de uma logica de ferro todos os inimigos da Igreja, stigmatisando todos os erros, lamentando todos os desvarios e proclamando alto, como o sabe fazer o theologo profundo, a santidade da Religião, a sublimidade de seus mysterios, e a necessidade dos seus ensinamentos.

Vasto é o campo onde o orador sagrado, na hora presente, tem de ceifar os louros com que se coroar, e bem videntes são esses louros quando o orador discriminando os campos levanta a bandeira da reacção em frente do campo onde a revolução tem hasteada a sua, manchada com o sangue de milhões de victimas. E ahí, á sombra d'essa bandeira, que mostra em suas dobras a cruz, é que o orador é grande, porque calca as considerações terrenas, despreza as glorias mundanas, e alça a fronte orgulhosa para bradar:—eu sou catholico apostolico romano, e por tanto regeito, combato, e condemno todos os erros da escola revolucionaria. E o Dr. Santos Monteiro está n'este campo, e está n'elle admiravelmente bem, porque só assim está bem o padre.

Podem chamar-lhe reaccionario; mas quem pôde dizer-se cathedratico sem que seja reaccionario, sem que reaja energicamente contra a acção destruidora que vae alagando os thronos, que tenta minar os alicerces da Igreja?

Um bravo! aos dois oradores.

O sultão da Turquia concedeu a mais alta e mais distincta condecoração do Imperio a um padre catholico. Foi Mons. Azarian, Patriarcha dos armenios catholicos, quem mereceu a benevolencia do Gran Turco. E por que? Por que Mons. Azarian é um apostolo verdadeiro, reunindo a um zêlo espantosamente admiravel, uma actividade pasmosa.

E' tambem porque os monarchas, sejam ou não catholicos, vão reconhecendo que só na Igreja podem encontrar dedicados amigos, só entre os catholicos subditos fieis; por isso nós vemos o governo turco protegendo as conversões ao catholicismo; ficam de fora os governos maçonicos, porque esses estão abaixo dos turcos.

Na Allemanha preparam-se os catholicos para a grande lucta eleitoral, que deve ter lugar no proximo outubro. O centro do partido catholico, para que a ordem presida a todos os actos da grande batalha, tem divididos os districtos do imperio em tres categorias, na primeira das quaes estão os catholicos que tem probabilidades de triumphar, e aqui o centro apresentará candidatos seus. Em segundo lugar estão os catholicos que não podem triumphar se não ligando-se com os partidos contrarios, e em terceiro lugar os que não podem de forma alguma sustentar a lucta. Para que os catholicos possam tratar com algum candidato não catholico, tem este de declarar que na proxima legislatura apoiará com seu voto todas as propostas do centro catholico, tendentes ao restabelecimento da paz religiosa em todo o imperio. Todo o candidato que a isto se não comprometta, será combatido energeticamente pelos catholicos.

Não deixaremos a Allemanha sem registrar um facto digno de archivar-se. Quatro milhões de allemães, entre elles muitos pertencentes ao exercito, tem assignado um protesto contra a expolição feita á *Propaganda Fide*. Um dos signatarios, o snr. Brecher, protestante, membro do conselho de guerra do Imperio, declarou em seu programma eleitoral, que defenderá a todo o custo a aliança do Papa, cuja amizade vale incomparavelmente mais que a do Quirinal.

Registremos mais:

O *Krenzzeitung*, órgão do partido protestante da Allemanha e do grande Chanceller, escreveu ha dias:—«E' preciso que se convençam os italianos de que a sua nação é rica unicamente em impostos, e de que em um periodo não distante, Humberto terá de abandonar Roma aos catholicos, quando não pela força da logica, ao menos pela força das armas, porque a Italia vae ficando só na Europa com sua politica vacillante.»

Na Suissa correm ás mil maravilhas os negocios favoraveis aos catholicos, esperando-se alli em breve um representante da Santa Sé para se tratar da reorganisação das dioceses de Basilea e Tessino. Este facto, que provocaria um conflicto ha poucos annos, é recebido agora com muitos applausos e sympathias não só pelos catholicos, mas tambem pelos protestantes conservadores.

A seita dos velhos catholicos dissolveu-se, e o seu bispo, á mingua de grei, resignou o seu cargo.

Um jornal que se diz bem informado, dá-nos a noticia de que S. Ex.^a R.^{ma} o Sr. Bispo-Conde de Coimbra, tenciona crear em Aveiro um Seminario com internato, para educação da mocidade que se destina ao estado ecclesiastico.

Se uma tal noticia se realisar é grande o serviço prestado por S. Ex.^a R.^{ma} á Igreja não só, mas a este paiz que cada dia mais vae sentindo a falta de clero, estando-se fazendo grandes reduções em muitos legados por falta de quem os cumpra.

Bem haja S. Ex.^a R.^{ma}

Está de luto a sciencia pela morte de um dos seus mais dedicados filhos, e que fazia o pasmo dos sabios da Europa. O Abbade Moigno, director do *Cosmos*, e uma das figuras mais notaveis d'este seculo já não existe. Podem folgar os atheus e os mações, de quem o Abbade Moigno era declarado inimigo, porque esse azorague já os não fere; mas as suas obras ahí ficam, como armas formidaveis para os combates da verdade contra o erro. Entre ellas destaca-se a que tem por ti-

tulo—*Os Esplendores da Fé*, de que n'esta Revista se deu uma pequena mostra.

O Abbade Moigno morreu pobre, apesar dos seus trabalhos apostolicos e dos seus serviços prestados ás sciencias.

Muito teriamos a dizer d'este sabio sacerdote; mais detidamente o fará outra penna, quando o seu retrato fôr dado aos leitores do *Progresso Catholico*.

Muito se vae generalizando entre nós a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Em todas as cidades e povoações importantes tem ella já fundas raizes, e é de ver como nas aldeias se vão tambem conhecendo os seus abençoádos fructos.

Na freguezia de S. Julião do Calendario, no concelho de Famalicão, fez-se no dia 10 do corrente festa esplendida ao Santissimo Coração, havendo tres dias antes praticas preparatorias feitas pelo muito reverendo missionario Snr. Padre José Oliveira. A festividade principiou por uma communhão geral, principiando ás 10 horas a missa cantada, com o Santissimo Sacramento exposto. De tarde prégou o mesmo R.^{mo} Snr. Padre Oliveira, saindo depois uma apparatusa procissão.

Louvemos a Deos, que permite que a acção destruidora dos inimigos da Igreja se opponha a reacção pacifica da oração e das praticas religiosas, e agradeçamos ao digno missionario, e a todos os sacerdotes que o ajudaram, os serviços prestados, e agradeçamos não só em nosso nome, mas em nome da freguezia do Calendario.

Fomos honrados com a visita dos tres primeiros n.º do 8.º anno da *Reacção*, órgão do circulo dos estudantes catholicos de S. Paulo, Brazil. Estimamos uma tal visita porque com ella nos honramos, animando-nos ao mesmo tempo por vermos tão valente campeão da Fé em terras onde nossos maiores a Fé levaram.

Os nossos parabens ao circulo dos estudantes catholicos de S. Paulo, pelo ardor e enthusiasmo com que combatem á sombra da Cruz, e não menos pela pureza da linguagem e altura de pensamentos.

Vae a nossa humilde Revista pagar a visita. J. DE FREITAS.

OS AMIGOS DO 'PROGRESSO CATHOLICO'

NOMES DAS PESSOAS QUE GRANGEAM ASSIGNATURAS PARA ESTA REVISTA

Os Ex.^{mas} Srs. e as Ex.^{mas} Srs.^{as}:

Padre João Pedro d'Almeida.....	1	Padre José Fonseca Pacheco e Souza.....	1
Padre Manuel Rodrigues da Silva.....	2	Padre Joaquim Gomes Duque.....	1
Padre Albino Simões Dias Cardozo.....	1	José da Silva Graça.....	1
Padre José Simões dos Santos e Silva.....	2	Padre Antonio Rodrigues Mendes Barreiros.....	1
Padre Antonio José Torrinha Machado.....	1	Agostinho Luiz Thomaz.....	4
Padre João Jacintho Armas do Amaral.....	7	Padre José Ferreira Vidal.....	2
Manuel Gregorio Pestana.....	2	Padre Antonio Madeira Ferrão do Amaral.....	1